Avicultura brasileira

Progressos e perspectivas

Francisco Turra*

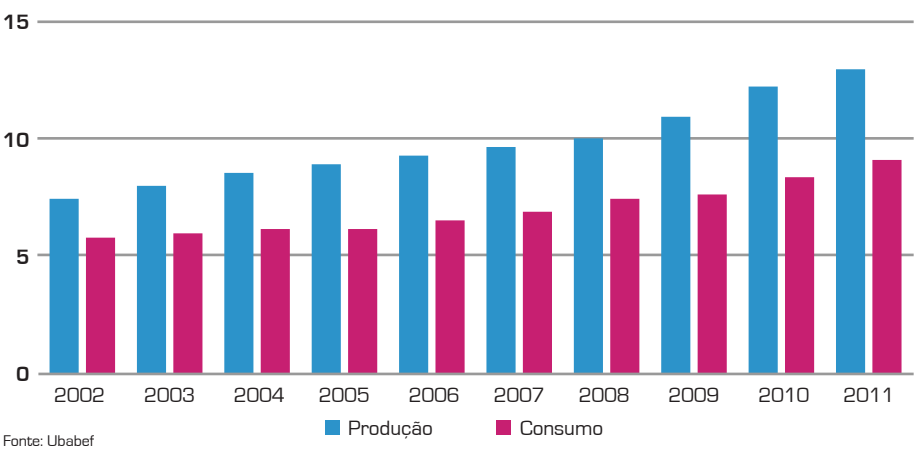
A AVICULTURA brasileira é um caso de sucesso, não só nacional, mas também mundial. De 2002 a 2011, a produção nacional deu um salto espetacular de 74,7%, enquanto o consumo evoluiu 15,5%. O Brasil é o terceiro produtor mundial, com 13,1 milhões de toneladas em 2001, atrás dos Estados Unidos e da China, respectivamente, com 16,7 milhões de toneladas e 13,2 milhões de toneladas.

O mercado interno absorve 30% da produção, enquanto 70% são exportados. Em 2011, os principais destinos foram Arábia Saudita (16%), União Europeia (12%), Japão (11%), Hong Kong (9%), Emirados Árabes, China, África do Sul e Venezuela, com 5% cada. Os outros países representaram 25% das exportações. A Rússia importou 418,8 mil toneladas, o que representa queda de 36,3% na comparação com 2010. A diversidade de importadores da carne avícola brasileira diminui o risco de uma possível crise com algum país específico. Os produtos foram embarcados como inteiros (52%), em cortes (38%), processados e salgados (5% cada um).

A evolução das exportações brasileiras de aves chama a atenção pela velocidade de seu crescimento. Os primeiros lotes foram enviados em 1975. Quase 21 anos depois, em 1996, a quantidade embarcada chegava a meio milhão de toneladas. Passados cinco anos, em 2001, chegava a um milhão de toneladas. Depois, em intervalos de três anos, passou para dois milhões de toneladas em 2004 e três milhões de toneladas em 2007. A quantidade apurada em 2011 foi de 3,7 milhões de toneladas, no valor de US$ 7.497 milhões.

Para 2012, a avicultura nacional deve experimentar crescimento moderado, em torno de 2%, tanto na produção quanto na exportação, em função da crise internacional. Apesar de o consumo interno ter atingido 47,4 quilogramas por habitante em 2011, existe certa cautela nas previsões. Com muita turbulência no mercado exterior, alguns países compradores buscam proteger o produtor local. Se não contasse com 154 mercados abertos, na condição de maior exportador, com 40% do mercado, o impacto sobre o Brasil seria forte.

Brasil: Balanço de oferta e demanda de frango (mil t)



Fonte: Ubabef

Do ponto de vista sanitário, a avicultura mostra resultados satisfatórios, diante do eficiente trabalho realizado pelo setor produtivo junto com o governo. Presente na América do Sul, América Central e em muitos países do continente europeu, desde 2006, o Brasil não registra a ocorrência da doença de *new castle*, assim batizada por ter sido detectada pela primeira vez na cidade inglesa de mesmo nome. Já a temerária gripe aviária, constatada na Ásia, África e Europa, também não verifica foco no território nacional. As duas doenças são altamente contagiosas, pois se espalham muito rapidamente e podem condenar a produção do aviário, além de bloquear automaticamente a exportação.

Na questão da sustentabilidade, a cadeia avícola nacional apresenta uma baixa emissão de Gases do Efeito Estufa (GEEs), quando comparada a outros países, segundo estudo do Departamento de Meio Ambiente, Alimentos e Assuntos Rurais (Defra, em inglês), da Inglaterra. As estimativas são de que o consumo de energia e as emissões de GEEs no Brasil são, respectivamente, 25% e 17% menores se comparados com o Reino Unido. Na emissão de gás carbônico, em toneladas equivalentes de gás carbônico, o Brasil está com 1,2, o Reino Unido com 2,2, e a França com 2,4.

Existem diversos fatores para explicar esse desempenho nacional mais favorável. Com clima favorável, fica mais baixo o seu consumo de energia para ventilação e aquecimento dos aviários. Por sua vez, a sua grande produção local de grãos e rações demanda menos transporte e requer uma estrutura de produção simplificada. ■

*Presidente da Ubabef, no Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp.